Jacaratia spinosa (Aubl.) A.DC.

(jacaratiá, jaracatiá, mamão de veado branco, mamão do mato, mamão jacatiá)

Família: Caricaceae

Sinônimos: *Carica dodecaphylla, Jacaratia dodecaphylla, Papaya dodecaphylla*

Endêmica: não[2]

Bioma/Fitofisionomia: Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica[2]

Recomendação de uso: Silvicultura

Árvore de porte médio a grande de até 30 m de altura, com tronco reto de até 90 cm de diâmetro e copa arredonda. Perenifólia a decídua e armada de acúleos, apresenta casca rugosa. Sua principal característica são os frutos, que além servirem para alimentação humana também são muito atrativos para a fauna, o que caracteriza uma função ecológica muito importante quando utilizada em restauração de áreas degradadas. Da medula do seu tronco confeccionam doces caseiros. Seu fruto ao natural ou cozido, ou como geleia são bastante usados.Evitar o consumo de frutos verdes, pois o latex é considerado purgante, irritante e vermífugo. Ornamental indicada para o paisagismo.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos não madeireiros (alimentação humana, ecológico, medicinal)[6,6]

Características gerais

Porte: altura 3.0-30.0m DAP 7-100cm[6,1,3,3]

Cor da floração: amarela[1,3,3,4]

Amarela esverdeada - (MARCHIORI, 2000) Branca (MORELLATO, 1991; BACKES, IRGANG, 2004)

Velocidade de desenvolvimento: Moderada[6]

Pode atingir uma produção volumétrica estimada de até 11 m3/ha/ano aos 4 anos de idade.

Persistência foliar: Semidecídua, Decídua[3,1,4,6,3]

Sistema radicular: -

Formato da copa: Umbeliforme[1]

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: Reto[6]

Superfície do tronco: Áspera[1]

Tipo de fruto: Carnoso indeiscente (Baga)[4,3,3,1]

Cuidados

Poda de condução e de galhos: -

Pragas e doenças: -

Acúleos ou espinhos: sim[1,3,3]

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: Áreas bem drenadas[7]

Recomendado para áreas bem drenadas e também para mata ciliar (SILVEIRA et. al., 2008).

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Pioneira, Secundária tardia[3,3,6,7]

Polinizadores: Mariposas são os principais polinizadores, seguidas das borboletas e dos beija flores (Piratelli, 1993)e por esfingídeos (Morellato, 1991)[4]

Período de floração: setembro a novembro[3,4,5,3,5]

Tipo de dispersão: Autocórica, Barocórica, Zoocórica[4,6]

Agentes dispersores: -

Período de frutificação: novembro a março[3,4,6,3]

Associação simbiótica com raízes: -

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore ou no solo[5,6,5,6]

Os frutos devem ser colhidos diretamente da árvore quando maduros, ou no chão, após sua queda. Em seguida, são abertos, manualmente, para a retirada das sementes, que devem ser lavadas em água corrente e deixadas secar à sombra.

Tipo de semente: Recalcitrante[5,6]

Tratamento para germinação: Sem necessidade de tratamento[6,5]

Produção de mudas: Canteiros[5,6]

As sementes devem ser semeadas em canteiros semi- sombreados assim que colhidas. A repicagem deve ser feita quando as plântulas atingirem de 4 a 5 cm de altura, ou seja 2 meses após a semeadura.

Tempo de germinação: 10 a 27 dias[5,6]

Taxa de germinação: -

Número de sementes por peso: 28700/kg[5]

Exigência em luminosidade: Exigente em luz[5]

Dados madeireiros

Possui curva de incremento médio anual (IMA): -

Possui curva de incremento corrente anual (ICA): -

Bibliografia

[1] MARCHIORI, J. N. C. Dendrologia das Angiospermas: das bixáceas às rosáceas. Santa Maria: Editora UFSM, 2000. 240 p.

[2] LLERAS, E. Caricaceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 01 ago. 2013

[3] BACKES, P.; IRGANG, B. Mata Atlântica: as árvores e a paisagem. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2004. 396p.

[4] MORELLATO, L. P. C. Estudo da fenologia de árvores, arbustos e lianas de uma floresta semidecídua no sudeste do Brasil. 1991. 176 f. Tese (Doutorado em Biologia) - Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1991.

[5] LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. v.1, 368 p.

[6] CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2006. v. 2, 627 p.

[7] SILVEIRA, C. J. A.; COELHO, A. N.; ROCHA, M. G. B. Nota técnica para o programa de fomento ambiental. Belo Horizonte: Instituto Estadual de Florestas - IEF, 2008.